

DIÁLOGOS

ENTRE O MUSEU E O MUNDO

Entrevista com APE Grupo de Estudos de Mobilidade

Grupo Patafísica

Apresentação

Essa entrevista assume a posição semi-estruturada e será apresentada como um diálogo. Um fluxo de perambulações entre práticas consonantes de dois grupos que atuam entre o Museu e o Mundo. O Grupo Patafísica, composto por mediadores e artistas, assume a demanda de transitar da escola ao espaço expositivo como uma possibilidade de discutir a cidade. O APE, por sua vez, vê na discussão da cidade uma necessidade de transitar entre outras escalas da mobilidade urbana. A potência desse diálogo se dá principalmente no encontro das coletividades: ideias e ideais postos em jogo constituindo outras referências, tramando experiências e teorias urbanas.

Entrevistado

APE Grupo de Estudos de Mobilidade
Marieta Colucci e Arthur Kim Shum

Entrevistadores

Grupo Patafísica

Roteiro

Carolina Clasen

Revisão

Carolina Rochefort, Marieta Colucci, Artur Kim Shum

Quem é o APE?

apê: do tupi *caminho*. estudos e debates sobre mobilidade. Os debates sobre a mobilidade na universidade foi a principal motivação de estudantes de diversos cursos e instituições da cidade de São Paulo para fundar o APÉ-estudos em mobilidade. O intuito é fomentar discussões e debates que abordem tanto as formas de compreender a mobilidade em um sentido mais abrangente que não só pelos transportes, quanto de criticar a forma como várias obras que se intitulam de *mobilidade* interferem na qualidade de vida das cidades a médio e longo prazos.

Como praticar o cotidiano?

Quando a gente faz esse trabalho com as escolas, a gente foi descobrindo esse cotidiano ao longo [do percurso] das escolas. Com cada escola, fazendo a gente vai descobrindo o que era esse exploradores e o que era essa experimentação que gente pretendia com eles. A gente foi transformando mesmo como uma questão de observar o que tá ali no entorno todo dia e que não precisa ser uma ida ao museu ou a uma instituição, não precisa ter um foco institucional, grande, majestoso, pra poder sair pro território.

Nesse sentido que vem o cotidiano: qualquer escola, qualquer território tem potencial pra ser utilizado como uma ferramenta educativa, como um lugar de experimentação, como um lugar pra se explorar. E acho que o cotidiano aparece muito aí, pode ser dar uma volta no quarteirão e aí em cada volta você vai observar um cotidiano diferente que pode ser espontâneo. O grupo vai sair e descobrir o elemento da vez ou pode buscar as disciplinas e o que está sendo trabalhado em aula. A gente trabalha muito com criança então não tem essas disciplinas formadas, mas isso pode ser transportado para os anos mais avançados. Você tá trabalhando alfabetização com os animais, a gente vai buscar os animais do cotidiano que estão por ali. Uma coisa é aqui no Ibirapuera que hoje a gente viu um tucano, outra coisa é no Canindé com certeza não vai ter um tucano. Quais são esses animais e

essas pessoas que estão no entorno? Trazer as pessoas é pensar como as pessoas fazem aquele lugar, como aquele lugar acontece e o que a gente pode tirar dele pra trabalhar com as crianças.

Como foi o primeiro encontro com o cotidiano escolar?

AA primeira escola a gente fez em 2015. Foi um convite do Instituto Tomie Ohtake pra fazer uma ação educativa do Prêmio, que é um prêmio de arquitetura que o Tomie organiza, e eles queriam fazer a ação educativa com um público que normalmente não está vinculado à arquitetura e urbanismo. Então a gente definiu o trabalho com crianças e como a gente ia trabalhar essa temática com crianças. Falar de planejamento urbano ou de construção civil com crianças de 4 e 5 anos. Feita a parceria com uma escola que tem lá do lado, a gente criou a narrativa do Exploradores. Sair com as crianças para explorar o entorno daquela escola. No começo, como era [um projeto] com o Tomie Ohtake, tinha como objetivo inicial ir até a exposição do instituto. O deslocamento tinha um ponto final. Mas a gente já começava a trabalhar o caminho, o caminho é importante. E essa questão do caminho ficou cada vez mais forte. Na segunda escola a gente também foi até o Teatro Municipal. A partir das próximas ou não tinha opção porque a gente foi para bairros mais velhos, ou a gente construiu de uma maneira que esses locais onde ia acontecer o deslocamento eram identificados pelos moradores do bairro ou pela própria escola e que era o mercado, a sapataria, a marcenaria. Coisas daquele Território que a priori não é visto como uma função educadora. É interessante também colocar que depois da primeira experiência, o caminho era a parte mais interessante do



processo. A gente começa a trabalhar com mapa e outras ferramentas trazendo as crianças como exploradoras e a gente faz o caminho como exploração. E isso é muito bom de perceber também porque o caminho encurta. Então o caminho de um quilometro, aumenta em tempo e encurta em distância. As crianças não sentem tanto a distância, não é o deslocamento entre o ponto A ou o ponto B. É o deslocamento entre os pontos mas também tem a árvore, tem o passarinho, tem o rio que tá passando ali, tem o morador de rua. Tem todas essas coisas que talvez eles tenham visto ou não dentro da sala de aula, mas estão ali colocados na cidade. Acho que também tem uma desconstrução do ensino formal que acontece dentro da sala de aula.

Trabalhando em parceria com o CAPS, o Patafísica recebia para esses percursos pela cidade até a exposição, diferentes faixas-etárias. Isso fez a gente perceber que a abordagem não mudava muito porque a atenção era justamente não infantilizar a criança, mas tornar essa experiência urbana coletiva acessível. E vocês, já trabalharam com outras idades exploradoras?

Já. Existiu um projeto que queria um projeto na cidade para trabalhar com jovens. Então a gente desenvolveu um projeto que foi para aprofundar algumas discussões que estavam em pauta em 2016: direito à cidade, mobilidade, corpocidade; e inserir ações na cidade. A gente achou que nessa idade tem uma demanda mais ativa, uma demanda de não só receber atividades. Os encontros aconteceram todos no centro de São Paulo, no Beco do Pinto (...) por ser um espaço que tinha um valor histórico e central, como início da cidade, marcamos seis encontros com um grupo aberto. Veio gente desde o ensino médio até pessoas que estavam no primeiro ano da faculdade, porque foi uma chamada aberta pelo site do Tomie Othake. (...) A gente começava o encontro com uma reflexão mais teórica e depois íamos para um período prático, alguns dias com

exercícios propostos e outros desenhados com o grupo. Teve um que foi muito legal que foi sobre Mobilidade. Tem uma obra de arte da Lygia Pape, que chama O divisor e foi nossa referência. Nós compramos um pano gigante, de 10 a 15 metros, com vários buracos em que nós colocamos as cabeças e saímos pelo centro percebendo como era andar numa minhoca gigante no meio de São Paulo. E São Paulo em ladeiras com muita gente.

Então, vocês acham que o recorte com os grupos de crianças foi acontecendo por identificação do grupo ou por demanda?

Desde o início, além da demanda do Tomie, a gente tem vontade de estudar mobilidade ou através do olhar ou através dos usuários que não são contemplados quando a gente fala dessa mobilidade de grandes fluxos. A gente fez alguns projetos com deficientes visuais. Também fizemos algumas derivas com áudio-guia, com música. A gente sempre teve essa vontade de trabalhar com grupos que são periféricos quando o tema é mobilidade, trazendo o recorte para a mobilidade ou das narrativas, ou da mobilidade ativa pensando nas distâncias. E aí o grupo se estruturou em função dessas demandas.

A partir daí, reflexão teórica do grupo, as leituras, como são organizadas?

Não é só em função das crianças. Os estudos a gente faz muito em função do que tá acontecendo ou do que a gente tem interesse. Já lemos a Maria Montessori, já lemos algumas coisas sobre educação, algumas legislações que trabalham a infância e a educação. Mas, por exemplo, agora a gente tá lendo as questões da negritude, da raça da cidade, das questões sociais, porque é uma coisa que tá em pauta e reflete diretamente nas questões que a gente discute também em função da criança.

Sendo o APE um coletivo que pensa a cidade pela coletividade, mediando espaços do coletivo para o coletivo, como as singularidades de cada um dos integrantes do APE se pratica nos cada um dos seus cotidianos?

[Artur Kim] Pensando na minha prática de arquiteto projetista eu penso muito na chave do direito à cidade mesmo. Então quando a gente fala da escala da criança e traz elas pra caminhar e entender que a cidade pode ser delas, é também entender que a cidade faz a criança fazer parte desse cotidiano, da dinâmica do dia a dia da cidade. Pra mim reforça um direito à cidade que deveria ser de todo mundo. Acho que quando o APE ativa grupos e leva grupos que não estão tão presentes na cidade pra andar na cidade, viver a cidade, estar presente na cidade é uma discussão da cidade com essas pessoas que não são pensadas pra ela. E o arquiteto projetista tenta levar as pessoas pra esse processo, pro processo da criação de cidade. Seja na escala de uma casa, seja na escala de um museu. Pensando nos meus últimos trabalhos, eu justifico as minhas decisões mas ao mesmo tempo quero que eles tomem decisões também.

Como essa prática coletiva consegue avançar para as decisões individuais também? Não só na discussão teórica mas na prática cotidiana do arquiteto, urbanista, projetista, educador, mediador?

[Marieta Colucci] Agora eu não projeto. Eu nunca projetei edificações. Fui direto pro planejamento urbano que as vezes entra direto nessas questões da utopia, do macro, do gigante mas que sempre nas práticas cotidianas de definição dessas políticas você tenta de alguma forma trazer essas questões. A partir da participação social, no caso, consultar crianças

nunca aconteceu no junto com a prefeitura de São Paulo. Mas a gente fazia discussões com os conselhos participativos da cidade. Eram 32 conselhos participativos, a gente fez reuniões com cada uma das subprefeituras, que aí você ouve quem tá lá no cotidiano daquele território e tenta sair das decisões de gabinete - que sempre retornam as decisões de gabinete. Quais são esses movimentos que a gente pode fazer pra escutar esse outro lado? E você se depara com questões do próprio território, com gente que quer manter um parque e gente que quer construir ali um condomínio de moradia. (...) E agora eu trabalho com educação, a arquitetura vem mais no sentido de mostrar e sensibilizar os professores pras questões da cidade que tão aí postas e eles normalmente não observam. Tentar despertar esse olhar que não sai de dentro da pedagogia, tentar trazer um olhar externo sobre essas dinâmicas educacionais. (...) Mostrar o edifício da escola, que tem relação com a praça. Sensibilizar que o adulto tem que fazer isso por ele próprio. O professor não anda, ele não conhece. Tem o processo de reconhecimento anterior: o que você conhece da sua cidade? O que você conhece desse ambiente urbano a sua volta?

Como praticar o caminho? Como acolher o caminho, o inusitado, o diferente da sala de aula?

A gente tem uma prática muito pontual de tentar traduzir o que foi visto e trabalha com mapa e desenho. A gente deixa que eles recolham pelo caminho o que eles quiserem. Eles recolhem muito elementos como lixo, folhas, sementes. É importante trabalhar essa espontaneidade da rua, e depois na sala de aula você vai trabalhar com esse acaso em função do objetivo do encontro, porque se não você vai fazer o contrário: levar a sala de aula pra fora. Se você tentar deixar quadrado, no sentido de eu preciso trabalhar isso, você pode continuar dentro da sala então. Que é diferente de trabalhar com a rua.

Como o APE faz o contato com os(as) educadores(as)?

Acho importante elas estarem na caminhada. Pouco a pouco a gente vai rompendo as barreiras da hierarquia, ela precisa vivenciar esse corpo adulta, professora. Precisa sair pra descobrir também que não é perigoso estar na rua. Porque só falar que não é perigoso não é suficiente.

E depois do caminho, vocês retornam e olham o material?

A gente faz um mapa base bem simples, normalmente. Só um início pra depois trabalhar em cima. Com crianças pequenas parece melhor ter esse mapa a uma folha branca pra começar. A partir desse mapa eles trabalham em cima, com os elementos que eles acolheram no caminho com colagem e desenho.

O APE percebe diferença no caminho de ida e no de volta?

O caminho de ida é mais atento a alguns elementos, talvez dependendo do que a gente solicita na saída e na volta é um momento de conversa, de troca de experiência. Por exemplo, tem mais coleta de elementos na ida. Algumas coisas permanecem na volta, mas eles já estão mais cansados. Lembrei de um projeto que foi Ouvir para Ver a Cidade. A gente tentou trabalhar muito a questão do presente, então do cotidiano que tá ali na cidade com uma percepção outra que não é pela visão e ao mesmo tempo trazer a história da cidade de São Paulo através do áudio. Então a gente trabalhou em três níveis: altura, o nível da rua e o subsolo. A gente começou no alto do Martinelli, tinha um áudio contando alguns trechos de história e pedaços de músicas. Depois descia pro Anhangabaú, também tinham outros áudios de percepção contando a história daquele lugar e aí a gente descia no túnel ali embaixo do Anhangabaú que é onde passava o Rio Anhangabaú. Ali tinha áudio sobre a água e o rio e a gente adentrava esse rio de carros, aquele barulho e o cheiro daquele lugar. Esse projeto trabalhava vários tempos da cidade, hoje e ontem.

O som parece que traz esse cotidiano emergente, cheio de outras cidades que a gente parece não percebe. Hoje eu tava na Paulista e escutei um triângulo e quis saber de onde vinha o forró. Encontrei três senhorzinhos com o olho, me aproximei e fiquei vivendo aquela paisagem sonora.

Eu sei quem são! Terça-feira eu vivi uma situação, que tem a ver com som também, que me mexeu muito. Eu tava no ônibus, no trânsito paradisíssimo, ali quase na Sé. Eu tô lendo Quarto de Despejo, da Carolina Maria de Jesus. Eu tava tensa, doída, lendo aquele sofrimento e aquela fome. De repente eu ouço um grito de gol e uma gargalhada e uma risada e do lado um cara pulando e festejando um quatro a zero. O meu corpo tava fechado, ele tava muito feliz e as pessoas se abraçando e abri um sorriso eu sorri. O ônibus voltou a andar e eu voltei pro livro, voltamos pro trânsito. Eram muitos momentos e muitas épocas, eu tava ali em 1950 no Canindé, no ônibus na Sé, e eu tava no jogo da Europa no outro lado do oceano. Esse cotidiano são vários.

Oi desculpa atrapalhar, ela vai fechar o caixa. Você quer comer alguma coisinha? Não, obrigada. Um café? Sim! Quero um café, o café daqui é tão gostoso. Você quer com leite ou puro? Puro. Vocês vão fechar aí dentro? Não, a gente vai tá limpando e arrumando as coisas aqui. Já já eu vou usar o banheiro então. Tá bom! Já já eu trago o café, obrigada, meninas. Desculpa atrapalhar. Foi nada. Obrigada. Agradeço.